

**TECNOLOGIA APLICADA A EDUCAÇÃO:
MULTILETRAMENTOS NA ESCOLA**

Vanessa de Lima Morais Silva (UVA)

vanessa.limams86@gmail.com

Cláudia Cristina Mendes Giesel (UVA)

claudia.giesel@uva.br

Flavia Cunha (UVA)

uvaflaviacunha@gmail.com

Sayonarah Almeida (UVA)

RESUMO

Multiletramento ou *multiliteracy*, é um termo criado na década de 90 com o objetivo de desenvolver novas ferramentas de acesso à comunicação e à informação. Através dele compreendemos que vivemos em uma sociedade múltipla, que possui textos múltiplos, logo, o uso da tecnologia colabora com o desenvolvimento da criticidade. Podemos afirmar que o uso constante da tecnologia pode ser visto em qualquer camada da sociedade, nos mais variados ambientes. Sendo assim, Moran (2013) defende a ideia de que a tecnologia aplicada amplia a noção de espaço escolar, integrando alunos e professores de diversos lugares com culturas diferentes. Através desse ponto de vista, podemos afirmar que esse conceito corrobora com as ideias de Freire (1989) que defendia um ensino próximo a realidade de quem estava aprendendo. Com base nesses questionamentos, essa pesquisa se desenvolveu com dois objetivos: o primeiro é apontar aos educadores, que a tecnologia pode ser uma ferramenta muito útil na construção do saber; e o segundo é verificar a possibilidade de desenvolver projeto didático em Língua Portuguesa ao qual o aluno seja autônomo, utilizando a tecnologia como ponto inicial de sua produção.

Palavras-chaves:

Aprendizagem. Autonomia. Letramento. Multiletramentos.

1. Introdução

Durante muitos anos, dentro das instituições de ensino, ouvimos dizer que é necessário desenvolver o pensamento crítico para que haja uma mudança social. Porém, ao invés de práticas sociais contextualmente inseridas, temos, muitas vezes, ênfase nos processos de alfabetização e de domínio da norma padrão, o que por sua vez não colabora com a leitura proficiente por parte dos educandos. Assim, ocorre, em geral, uma leitura superficial, a qual reforça que alunos estejam preparados a formar sentenças/orações, pequenos textos e responder perguntas e respostas, apenas.

Nesse sentido, Cosson (2009) acredita que o conceito de “letramento” deva ser trabalhado de modo a estimular o desenvolvimento da

criticidade humana, de modo que cidadãos ajam de forma consciente sobre seus atos, em uma sociedade plural. Suas palavras recordam perspectivas de Freire (1989), o qual afirma que há necessidade de ler o mundo em que se está inserido, pois, dessa forma, associamos as palavras ao que estamos lendo, dando significado ao que se está aprendendo. Assim sendo, destacamos o letramento digital, que implica em – dentre outros processos e procedimentos – usar ferramentas digitais para buscar textos, compreendê-los e produzi-los de acordo com a ferramenta a ser utilizada.

Através de estágios realizados em escolas privadas e públicas, além de observar a forma a qual o conteúdo é apresentado a mim e a meus colegas na universidade a qual estudamos, salientou o desejo de realizar pesquisas sobre o uso da tecnologia em sala de aula. Visto que tal interesse foi aguçado por minha professora orientadora de Iniciação Científica da Universidade Veiga de Almeida, que a princípio seria um projeto que englobasse a autonomia do aluno, a leitura crítica e a produção textual, unidas a realidade atual, partindo do princípio que vivemos em uma era digital avançada, e que em muitos casos o educando não sabe utilizar em seu benefício, surgiu, a princípio, o conceito “letramento digital”, porém, em seguida obtivemos o título Tecnologia aplicada a educação sob a perspectiva dos multiletramentos.

Como nem sempre é possível utilizar a internet na escola, mesmo que o sinal esteja disponível, essa pesquisa foi realizada com alunos do segundo segmento, ensino médio e superior, com o intuito de mostrar dois pontos de vistas: o primeiro para alguns educadores, que veem um aparelho eletrônico como um vilão ou mal a ser exterminado; e o segundo para alunos, informando que é possível utilizar celulares para adquirir conhecimento.

Desta forma, Goulart (2014) afirma que, ao estudar outras áreas do conhecimento, aprendemos mais, portanto, faz-se necessário uma educação que aceite a realidade do aluno e tente inseri-la no processo de aprendizagem. Além dessa autora, outros como Travaglia (2009), Kleiman (2016), Vieira (2013) Garofalo (2018) e Rojo (2012), defendem um ensino que contribua com a formação crítica do aluno, e como esse é protagonista do avanço tecnológico, seu conhecimento, nessa área não deve ser ignorado, e, sim, agregado a aprendizagem.

2. O que é multiletramento?

Criado por um grupo de pesquisadores – intitulado Grupo Nova Londres – na década de 90, o termo multiletramentos surgiu em um colóquio, com o objetivo de desenvolver novas ferramentas de acesso à comunicação e à informação e de agência social, os quais abrangeriam a multiculturalidade das sociedades e a multimodalidade dos textos, visto que a sociedade é composta por diferentes pessoas que fazem diferentes leituras.

O termo aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossa sociedade contemporânea: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica, logo, cada pessoa pode fazer sua própria coleção, sobretudo a partir das novas tecnologias (Cf. ROJO, 2012, p.13).

E, partindo desse ponto de vista, para melhor exemplificar, podemos afirmar que a sala de aula é um espaço privilegiado pela multiplicidade de culturas, pois nela temos alunos com diferentes valores como: identidade, gênero, raça, crença, folclore, culinária, linguagem, etnia, morais, éticos, saberes dentre outros. Moran (2013) afirma que aprendemos mais e melhor quando estamos próximos da realidade, logo a aprendizagem é mais significativa quando motivamos intimamente o aluno, propondo atividades que façam sentido a sua vida, traçando um diálogo entre a atividade proposta e a forma de realizá-la.

Moran (2013) aponta que o uso da tecnologia e as competências digitais são componentes essenciais de uma educação plena, visto que os discentes quando não conectados e sem domínio digital perdem a chance de acessar excelentes materiais, de comunicar-se, de tornar-se visível para os demais e publicar suas opiniões. Dessa forma, do ponto de vista não somente do autor, mas de muitos outros, a tecnologia amplia a noção de espaço escolar, integrando alunos e professores de diversos lugares e culturas diferentes, sendo assim, não é utilizada somente como uma ferramenta de aprendizagem, pois também possibilita relações pessoais e duradouras.

Conforme observações de Dias (2012, p. 8) as práticas do multiletramento se originaram com “as mudanças sociais, culturais e tecnológicas advindas da era do ciberespaço, embora muitos autores não concordem com o último tópico, visto que esse é mais um fator a ser agregado a essa prática. Sendo assim, é importante que a escola compreenda a ne-

cessidade em utilizar a tecnologia no espaço escolar, uma vez que isso faz parte do cotidiano do aluno contemporâneo, logo é preciso que a comunidade escolar – instituição e educadores – entendam que tal uso possibilita a abertura a diversidade cultural e a pluralidade étnica.

3. *Multiletramento e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)*

Durante três décadas podemos afirmar que houve pouco progresso no ensino de língua materna, logo alunos – de forma geral – possuem dificuldade de fazer uma leitura minuciosa sobre um simples texto, e a tal dificuldade pode ser comprovada quando o professor produz atividades que necessitem de reflexão e as tais ultrapassem o questionário de perguntas e respostas óbvias. Segundo Freire (1989), a problemática está na forma de ensinar a língua materna de forma descontextualizada, reduzindo a língua ao ensino de gramática, para ele, se não há leitura de mundo, não há desenvolvimento de criticidade. Portanto, podemos inferir que o aluno necessita relacionar suas vivências à escrita que lê para que esta faça sentido em seu aprendizado.

A relação estabelecida entre deficiência para produzir com a necessidade de melhora na compreensão de textos se dá pela consideração de que a competência textual confere a capacidade não só de produzir, mas também de ler e entender textos bem formados nas diversas atividades de interação, de acordo com Travaglia (2009). A partir do entendimento dos gêneros textuais, se torna imprescindível que a leitura seja desenvolvida, não como atividade passiva, receptiva e autoritária (Kleiman, 2016, p. 34), mas sim de modo interativo em que o leitor se torna coautor, construindo os sentidos do texto. De acordo com Solé (1998, p. 105) “Não se trata tanto de explicar o conteúdo, mas de indicar sua temática aos alunos, para que possam relacioná-lo a aspectos de sua experiência prévia”. Esse procedimento de reflexão, prévios à leitura, permitem que o leitor consiga aflorar e refletir sobre o conhecimento que já possui sobre aquele determinado assunto, estabelecendo uma visão crítica.

É de comum conhecimento, que as práticas de letramento em ambientes de escolarização são desafiantes, e muitos obstáculos precisam ser superados em instituições educacionais para que sejam efetivas. As informações chegam com a “velocidade da luz”, e os educandos se sentem mais perdidos quanto ao ensino e à utilização do que está sendo aprendido com o mundo que vivem. É importante que o trabalho ocorra em conjunto – instituição, professor e aluno – para que o conhecimento

consciente seja perpetuado. E como o processo de “letrar” está relacionado à leitura do ambiente que vivemos, trazer a tecnologia para sala de aula com o intuito de corroborar com o tal é de sumo significado. Para o tal, as aulas devem ultrapassar as salas e aulas de informática e passar a ser uma ferramenta usada em sala de aula.

Seguindo esse contexto, Vieira (2013) alega que as tecnologias digitais, além de instaurarem novas relações sociais, permitem a veiculação de informações em rede, por isso, é primordial ao educador, trabalhar com essa multiplicidade na escola também. E, devido às tecnologias, a sociedade pode articular diferentes modos de enunciação (verbal, visual e sonoro) através da tela do computador ou aparelhos como celulares, tablets etc. Para a autora, um indivíduo participa efetivamente da sociedade letrada, quando é capaz de utilizar estratégias diferenciadas de leitura para dar conta dos letramentos necessários para agir e interagir na vida contemporânea.

Garafalo (2018) afirma que a cultura digital se originou no ciberespaço, e a cada momento que passa ganha espaço na vida social. Devido a esse crescimento, o tema ganhou ênfase com homologação da BNCC (2018), conforme o avanço tecnológico. Como é sabido por todos, os jovens têm se engajado como protagonistas desse cenário, criando uma relação dependente das redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *WhatsApp* e *Twitter*, as quais induzem ao imediatismo de respostas e informações, privilegiando análises superficiais e diferentes formas de argumentação. Logo, a nova tarefa do professor é aprender a utilizar tais ferramentas em sala, como um novo caminho para a aprendizagem, interação e significados entre ele e o aluno. E essa nova cultura contempla uma diversidade de linguagens e letramentos advindos dos multiletramentos que mesclam mundos, originadas do impresso e que agora possuem nova roupagem, como a carta, que passou a ser e-mail, e hoje, é uma mensagem no aplicativo *WhatsApp*.

O letramento digital (LD) é a união do letramento mais a tecnologia (informática), o qual pode ter como um grande aliado o telefone celular, que hoje é uma ferramenta malvista pelo professor em sala de aula, mas que pode ser um instrumento muito valioso no processo de aprendizagem. Nesse sentido, Coscarelli (2014, p. 26) reconhece que ao utilizar a tecnologia como aliada, o professor aponta formas de adquirir conhecimento, sejam elas a procura de bons textos, ou resumos postados na internet. Além disso, o aluno conquista uma aprendizagem diferenciada,

pois, passa a diferenciar textos adequados – com conteúdo – de textos que não contribuem para seu aprendizado.

Com base em sua pesquisa sobre Pedagogia dos Multiletramentos, Rojo (2012) confronta a ideia de impedir o aluno em utilizar o celular em sala de aula, afirmando que é possível a utilização dele para a comunicação, a navegação, a pesquisa, a filmagem e a fotografia, que pode ser usada a favor do ensino. Defende o “multiletramento” no sentido da diversidade cultural de produção e circulação dos textos ou no sentido da diversidade de linguagens, pois possuem características, tais como: interação, pois são colaborativos; transgressão as relações de poder; são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas). E, por sua própria constituição e funcionamento, dependem de ações humanas.

Por conseguinte, uma aula de língua portuguesa pode ser mais interativa, a qual o aluno utilize seu aparelho eletrônico para procurar sinônimos, por exemplo, com o intuito de produzir um texto sem palavras repetidas ou escrever um mesmo texto de diferentes formas (carta, e-mail e *WhatsApp*). Dessa maneira, o foco voltado às possibilidades práticas de transformar educandos em criadores de significações, sendo necessário que se tornem analistas críticos, capazes de transformar discursos e significados, seja na recepção ou na produção.

Nesse sentido, Goulart (2014) reconhece, que outrora apregoávamos um discurso sobre aumento de vocabulário ao estudarmos outras áreas, porém, é certo afirmar que, quando estudamos determinados temas, de determinadas áreas do conhecimento, não estamos somente aumentando o nosso vocabulário, mas produzindo conhecimento. Sendo assim, ao ensinarmos a produção de texto digital, que parece ser simples para quem está habituado com a escrita, na verdade é muito mais profundo o conhecimento, uma vez que conseguimos fazer com que o discente observe o modo como o texto se estrutura no computador (incluindo apresentação e formatação do texto), a maneira de “manuseio”, indo e voltando, fazendo destaques, os obriga a novos conhecimentos e novas estratégias de leitura e de escrita.

Com base na pesquisa de Barth e Freitas (2014), podemos selecionar uma ferramenta que permite postagens de no máximo 140 caracteres, o *Twitter*. O selecionou dois usuários comuns, “fakes” que produziam *Tweets* como forma de humor. Logo, para o letramento em sala de aula, em uma escrita direcionada (humor, conscientização etc.), podemos solicitar que os alunos, a fim de conferir o letramento, produzam *Tweets*

com base no que foi discutido em sala de aula. E para isso, precisam compreender o que foi ensinado para posteriormente poderem produzir de forma sucinta e crítica.

A BNCC (2018) aponta que a utilização da tecnologia em sala de aula contribui com a valorização e utilização dos conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital que ajuda a entender e explicar a realidade, que faz com que o discente continue aprendendo e por sua vez colaborando para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Logo, compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) serve para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.

Em suma, unir o ensino de língua materna a informação digital, ampliará o conhecimento de mundo do aluno, pois, ele mesmo, em algum momento, conseguirá perceber as diversas maneiras de se comunicar, e, quando e como a língua pode ser utilizada em diferentes esferas.

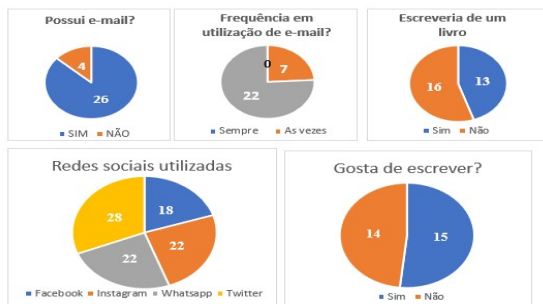
3.1. A pesquisa

O objetivo em específico é desmistificar tanto para professores quanto para alunos que a tecnologia pode ser uma grande aliada no desenvolvimento da aprendizagem. Por isso, foram realizadas duas pesquisas, embora todos sejam estudantes, o contexto varia de acordo com a instituição de ensino e local de pesquisa.

A primeira pesquisa foi realizada com o intuito de conhecer os alunos e suas preferências sobre aplicativos e o uso da internet e suas tecnologias. O primeiro grupo selecionado era composto por 29 alunos do 1º ano do Ensino Médio, com idades entre 15 e 16 anos. A segunda pesquisa foi realizada com a intenção de saber sobre o que o aluno pensa a respeito do uso da tecnologia unida a educação. O segundo grupo era composto por 82 alunos, que estão entre o Ensino Fundamental II e o Superior.

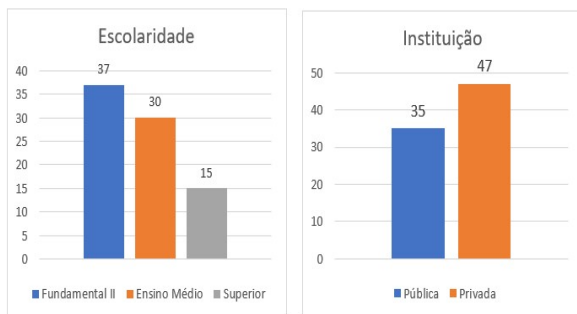
Pesquisa 1 foi realizada através de um formulário físico, e nele tínhamos as seguintes perguntas: você tem e-mail; com que frequência utiliza e-mail para se comunicar com alguém; escreveria um livro ou participaria da escrita de um; quais aplicativos ou redes sociais utiliza; gosta de escrever (mesmo que indiretas nas redes sociais).

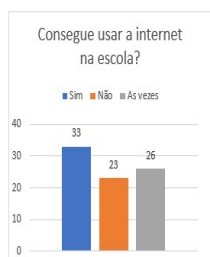
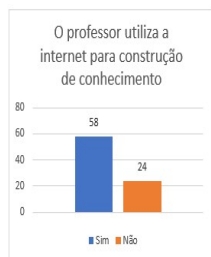
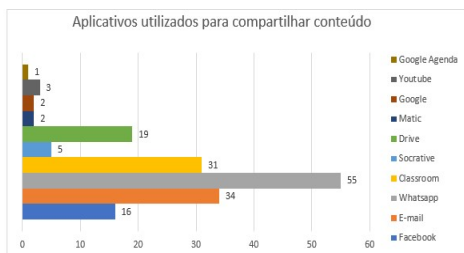
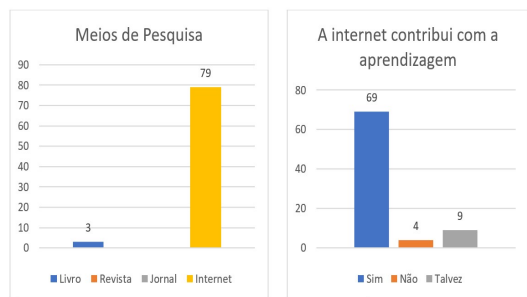
Gráficos da pesquisa 1.



Pesquisa 2 foi realizada através do Google Formulários, com oito perguntas objetivas e uma discursiva. Seguindo a ordem de questionamento, foram assim realizadas: nível escolar; tipo de instituição; frequência da utilização da internet fora da escola; para pesquisa, quais meios são utilizados; foram questionados se o uso da internet contribui com a aprendizagem; quais aplicativos são utilizados para compartilhar conteúdo, seja esse transmitido pelo educador ou colega de classe; se o uso da *internet* é realizada para construção de conhecimento; qual a possibilidade do uso da internet na escola; e por último, uma breve relato sobre a possibilidade de uso da internet na escola.

Gráficos da pesquisa 2.





3.2. Os resultados

Podemos observar na Pesquisa 1 que os alunos utilizam frequentemente a internet e estão ligados às principais redes sociais que permite serem influenciados e até mesmo influenciadores nesse meio. Embora não há essa opção nessa primeira pesquisa, pude observar em minhas aulas que muitos utilizam os seus telefones para fazer pesquisas e até passar

conteúdos durante as aulas, e isso de forma constante, com aprovação ou não do educador.

Referente aos tópicos e-mail e escrita, respectivamente b e d, no momento da pesquisa, os alunos se sentiram receosos quanto às respostas, uma vez que foram questionados sobre possuírem e-mail, e muitos acreditavam que não tinham, pois não utilizavam, então, o mais fácil era dizer que não. Mas dito a eles que sem isso não é possível usar as redes sociais, rapidamente mudaram suas respostas. E quanto a escrita, eles não gostam muito, todavia, se for comentários ou indiretas nas redes sociais, sim eles gostam escrever. Nesse primeiro momento, podemos afirmar que os alunos estão escrevendo, porém estão usando canais diferentes.

Na Pesquisa 2, podemos observar que alguns professores, estão tentando mudar a forma de enviar o conteúdo ao aluno, realizar pesquisa e aplicar testes, porém ainda estamos um pouco distantes da realidade de multiletramento, uma vez que o meio digital em alguns casos não é utilizado para dar autonomia e sim facilitar relação professor-aluno.

Em ambas as pesquisas, é possível afirmar que os alunos utilizam a tecnologia de forma frequente, e por isso, não devemos ignorar esse fator. A BNCC afirma que deve haver uma progressão das aprendizagens essenciais do Ensino Fundamental II (EF) para o Ensino Médio (EM), dessa forma apontam o uso da tecnologia em todas as áreas.

No ciclo II, a utilização da tecnologia deve colaborar na exploração e na análise das diferentes linguagens (visuais, sonoras, verbais, corporais) e no EM tem por objetivo ampliar a autonomia. Para esse, a BNCC afirma que o uso frequente dela colabora com diversas áreas de conhecimento, a exemplo disso: na área de matemática, desenvolve o pensamento computacional, visando à resolução e formulação de problemas em contextos diversos, e na etapa final amplia o leque de recursos, além de construir uma visão mais integrada da disciplina; em ciências da natureza propõe a investigação de características, fenômenos e processos referente ao mundo natural e tecnológico, além de possibilitar a ampliação da compreensão; e as ciências humanas e sociais colaboram com as competências de identificação, análise, comparação e interpretação de ideias e pensamentos.

Sendo assim, através das respostas dos discentes, podemos afirmar que a tecnologia contribui com o crescimento intelectual dos alunos, uma vez que ela auxilia na comparação de diferentes realidades em tempo real, já que é possível investigar e receber informações sobre qualquer

lugar do mundo em tempo recorde. Embora a BNCC aponte uma progressão do intelecto quando bem empregado uso da tecnologia em sala de aula, os alunos acreditam que tal intento no atual momento é fracassado, visto que na maioria dos casos, é necessário ter internet pessoal, utilizar de forma escondida ou quando o professor deseja que os alunos façam pesquisas. Dessa maneira, podemos afirmar que os eletrônicos ou redes sociais ainda são vistas como instrumento de dispersão.

4. Considerações finais

Ao longo de minha vida acadêmica, utilizei a internet e meios tecnológicos para realizar pesquisas, ler livros, baixar conteúdo a ser utilizado em sala, ministrar uma aula mais divertida que estivesse presente do cotidiano dos alunos e que fizesse sentido a compreensão dos alunos.

Como estagiária de língua inglesa, observei alunos utilizarem seus telefones móveis para utilizar tradutores, pesquisar lista de verbos para conseguirem realizar atividades educacionais em que era necessário saber o *past* e o *past participle* de alguns verbos, pois a lista existente em seus livros não era o suficiente.

Como residente no CEAPJ, vi alunos utilizarem celulares para realizar pesquisas, receber conteúdo a ser trabalhado em sala de aula e atividades a serem abordadas em exames. Pude desenvolver e presenciar a utilização desses recursos nas apresentações realizadas pelos alunos da aula de produção textual, cujos trabalhos finais compreendia a realização de um seminário com diversos temas já desenvolvidos em sala de aula. Para isso, utilizaram a internet para obtenção de dados, pois foi solicitado uma escrita mais acadêmica; além da construção de suas apresentações no *Power Point*. Tal momento foi proveitoso para mim e para os alunos que apontaram um bom desenvolvimento deles devido a autonomia permitida.

Acredito que em determinados momentos precisamos ser tradicionais, mas não podemos ser inflexíveis.

A língua é viva, a cultura e viva e pessoas embora tenham suas crenças enraizadas estão mudando e podem mudar a partir de conhecimento adquirido, uma vez que esse não ocupa espaço e somente agrega no desenvolvimento. Há muitos anos era muito difícil adquirir uma informação, pois tínhamos que ir a bibliotecas e pesquisar inúmeros livros para encontrar uma informação, ao contrário do que ocorre hoje. Portan-

to, professores e alunos podem e devem juntos construir laços com a tecnologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTH, P. A; Soares, FREITAS, E. C. Twitter na escola: reflexões sobre letramento digital. In: *Revista Línguas & Letras – Unioeste – Vol. 15 – N. 31 – 2014.*

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Base Nacional Comum Curricular*. Linguagens e suas Tecnologias para o Ensino Médio. 2018 p. 474-5 MEC. Brasília-DF, 2015. <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/BNCC_EnsinoMedio_embaixa_site.pdf>. Acesso em: 04 abr.2018.

COSCARELLI, C.V. Alfabetização e letramento digital. In: COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Orgs). *Letramento digital – Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 3. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 25-40

COSSON, Rildo. A Sequência Básica. In: _____. *Letramento Literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto. 2009. p. 51-74

DIAS, Reinildes. Web Quests: Tecnologias, multiletramentos e a formação do professor de inglês para a era do ciberespaço. In: *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, 2012.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. In: _____. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. p. 9-14

GAROFALO, Débora. Cultura Digital: o que é e quais ferramentas podem ser utilizadas. Nova Escola. 12 de set. de 2018. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/12552/cultura-digital-o-que-e-e-quais-ferramentas-podem-ser-utilizadas>> Acesso em 23 de novembro de 2018.

GOULART, Cecília. Letramento e novas tecnologias: questões para a prática pedagógica. In: COSCARELLI, C.V.; RIBEIRO, A.E. (Orgs). *Letramento digital – Aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. 3. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. p. 41-58

KLEIMAN, Angela. *Oficina de leitura: teoria e prática*. 16. ed. Campinas-SP: Pontes, 2016.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MORAN, José. *Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora*. ECA: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Dez. 2013. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf>. Acesso em: 25 de julho de 2019.

ROJO, Roxane. Pedagogia dos Multiletramentos: Diversidade Cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola, 2012. 264p

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de Leituta*. 6. Porto Alegre: Penso, 1998.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Concepção de gramática. In: _____. *Gramática e interação: uma proposta para ensino de gramática*. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 24-37

VIEIRA M. S. P. *Letramento Digital: o uso de Tecnologias da Informação e da Comunicação no Ensino da Leitura*. Uberlândia: EDUFU. 2013. Anais do SILEL. Volume 3. Número 1.